

## Cartilha da discórdia

Categories : [Reportagens](#)

A infundável briga entre ambientalistas e a Monsanto foi parar num palco inusitado, o Ministério da Cultura (MinC). E acabou respingando na Educação.

Atendendo à pressão de organizações não-governamentais, o MinC mandou recolher materiais educativos que foram distribuídos a 5.409 escolas públicas em cinco estados. São revistas, cartazes e guias do professor do projeto “Janela para o Mundo”, produzidos pela editora [Horizonte Geográfico](#) com patrocínio da Monsanto, que obteve parte dos recursos pela Lei Rouanet, como isenção fiscal.

[Monsanto](#) é a gigante americana da soja transgênica, e como tal representa para a maioria dos ambientalistas o demônio em forma de empresa. Quando chegou à internet a denúncia de que ela estava doutrinando crianças nas escolas sobre princípios de “agricultura e meio ambiente”, a polêmica se propagou rapidamente.

A mensagem partiu do gabinete do deputado estadual [Frei Sérgio Görden](#), do PT gaúcho, há 15 dias. Informado da existência do material em escolas do estado, ele se indignou ao saber que recursos públicos estavam financiando o que chama de “propaganda da Monsanto”. “Se o governo tem dinheiro para pagar uma publicação sobre agricultura, não vai pedir justamente a uma empresa que tem pesadíssimos interesses no ramo para fazer o material. Não é esse o sentido da lei de incentivo à cultura”, critica Frei Sérgio. Bastou se deparar com a logomarca da empresa na capa do material e passar os olhos no texto para o deputado fazer soar o alarme nos campos virtuais do debate ambientalista.

Na lista de discussão da [Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais \(RBJA\)](#) o fator MinC foi deixado de lado. Ali, o que se viu foi um acalorado debate sobre o dilema ético de aceitar dinheiro de empresas consideradas inimigas do meio ambiente, mesmo que para causas nobres. Foi o que fez a editora Horizonte Geográfico (HG), conhecida por produzir bons materiais sobre biodiversidade, desenvolvimento sustentável, ecoturismo e educação ambiental. Em 2004, seu principal projeto, “Janela para o mundo”, recebeu o patrocínio da [Coinbra](#), agroindústria especializada na exportação de grãos. Entre os materiais produzidos e distribuídos para as escolas no ano passado, estavam uma reportagem e um cartaz intitulados “Soja: o grão que conquistou o país”.

A parceria com a Monsanto começou agora em março de 2005, traduzida em um financiamento de 480 mil reais (dos quais 30% ganharam isenção fiscal) para a produção de 11 mil kits e sua distribuição para escolas públicas da Bahia, Distrito Federal, Goiás, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. O chamado kit Monsanto é composto de 6 exemplares da revista *Horizonte Geográfico*, 2 exemplares de um pôster sobre “Culturas da Terra no Brasil” e um Guia de Atividades para os

professores.

Quase que simultaneamente, o protesto do deputado Frei Sérgio chegou ao MinC, motivou uma carta do Greenpeace com críticas ao projeto, fazer nascer uma campanha na [Rede Brasileira de Educação Ambiental \(REBEA\)](#) que resultou em mais de cem e-mails cobrando uma resposta do Ministério, e explodiu na sede da Horizonte Geográfico, em São Paulo. “Ficamos completamente revoltados com o teor das primeiras denúncias, que não tinham qualquer fundamento. As pessoas nem viram o material”, diz Peter Milko, responsável pelo projeto “Janela para o Mundo”. Ele diz que das 540 páginas de materiais, apenas 8 falam de agricultura, e que não há nos textos nenhuma apologia aos transgênicos.

Para o Greenpeace, isso não é o bastante. Em [carta aberta à editora](#), a ong diz que o tema “Agricultura e Conservação Ambiental”, presente no [Guia dos Professores \(clique para ver, em pdf\)](#), não poderia omitir o fato de que a agricultura industrial é a “principal causa do desmatamento de florestas nativas, perda de biodiversidade, destruição de ecossistemas, assoreamento ou poluição de rios, e a contaminação de alimentos com substâncias químicas tóxicas”.

Já o pôster [“Culturas da Terra no Brasil” \(clique para ver, em pdf\)](#) traz um box reservado à biotecnologia, em que apresenta um exemplo positivo de soja transgênica. Ao lado de ilustrações de cadeias de DNA, o texto diz que a tecnologia permite, por exemplo, introduzir genes de alga na soja, “criando uma variedade de soja enriquecida com Ômega 3 – tipo de gordura polinsaturada que diminui as taxas de triglicérides e colesterol do sangue”. O problema é que esta soja do bem ainda não existe, alerta o Greenpeace. Está em fase de estudos nos laboratórios da Monsanto.

Peter Milko, da Horizonte Geográfico, diz que os materiais não discutem os riscos da monocultura e dos transgênicos para o meio ambiente porque a intenção não é entrar em terreno polêmico. Mas a editora precisou enfrentar esses temas espinhosos dentro de casa antes de aceitar o novo patrocinador. Peter reconhece que houve “uma discussão interna grande” sobre os custos e benefícios de se aliar à Monsanto. Mas a parceria foi fechada sem culpa. “Chegamos à conclusão de que, como não houve nenhuma interferência do patrocinador, o material é uma contribuição isenta para aumentar o acesso à informação sobre vários temas, inclusive agricultura e meio ambiente”, explica. No site da Horizonte Geográfico, a relação não parece tão bem resolvida. Apesar de logo na capa uma chamada anunciar “A Riqueza da Soja”, nas páginas internas a editora omite de sua lista de patrocinadores e parceiros tanto a Monsanto quanto a Coinbra. *(Depois de publicada esta reportagem, em 29/04, a referência à soja sumiu da página inicial do site)*

Para a empresa de biotecnologia, não tem dilema. O diretor de Comunicação da Monsanto, Lúcio Mocsányi, diz que não houve qualquer ingerência no conteúdo, que não há no texto “nada nem a favor nem contra os transgênicos”, e que a referência à soja com Ômega 3, a que ainda não existe, foi proposital, “para usar um exemplo fora do campo comercial”. Aproveita para citar as outras atividades do projeto apoiadas pela empresa: oficinas de capacitação para 560 professores

e distribuição das sementes mais cultivadas (entre elas café, laranja, arroz, algodão, milho e soja) para as escolas fazerem experiências práticas. Lúcio lembra ainda que o “Janela para o mundo” é apenas uma das iniciativas sócio-ambientais da Monsanto. Afinal, seu slogan é “Alimentos em abundância em um meio ambiente saudável”.

E o MinC nessa história? Para se poupar de entrar em fogo cruzado ambientalista, foi buscar critérios técnicos para justificar a proibição dos materiais e cancelar o financiamento. Achou vários. A começar pelo fato de o tema agricultura não ser mencionado na proposta original aprovada. Segundo o Ministério, o projeto se comprometeu a realizar reportagens sobre conteúdos de História, Geografia, Patrimônio Histórico e “Outros”. Mas dos 21 temas acordados (de Iemanjá aos 100 anos de JK, da cerâmica marajoara ao carnaval carioca), só três viraram reportagens nas edições distribuídas para as escolas. Enquanto isso a agricultura, que não estava no script cultural do projeto, ganhou duas reportagens e mais cartazes e guia do professor.

É isso que o MinC alega na carta do dia 25 de abril, em que determina a suspensão da distribuição das revistas que contêm reportagens sobre agricultura – uma de 2003 e outra de 2005 – e dos outros materiais didáticos, além do recolhimento do que já chegou às escolas. Os custos das ações não poderão mais ser pagos com recursos da Lei de Incentivo à Cultura, e o dinheiro já captado terá que voltar para o Fundo. O Ministério também pede que os conteúdos acertados e não produzidos sejam inseridos na próxima fase do projeto, que será na Região Sul. Com esse último adendo, o MinC dá o seu recado: apesar do puxão de orelha, não fechou as portas dos recursos públicos da Cultura para a Monsanto e a Horizonte Geográfico.

Peter Milko informa que a Horizonte Geográfico fará sua defesa na semana que vem, mas adianta que a editora considera “a determinação de recolhimento de qualquer revista um ato contra a livre expressão”. Tanto ele quanto o diretor de Comunicação da Monsanto afirmam não ter recebido nenhum comunicado oficial do Ministério. Os dois souberam da decisão pela internet. Onde tudo começou.